

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Conde da Esperança.
E. Severim de Azevedo (Crispim).
Ferreira Mendes
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE MARÇO DE 1913

N.º 339

A visita dos jornalistas inglezes ao nosso paiz



Os jornalistas inglezes no palaeio de Queluz

(Phot. de ***)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de março de 1913

MAIS uma vez ficou demonstrado, em vista da recente recusa da amnistia aos presos políticos, que os estados não se governam com formulas sentimentaes, mas sim por meio de soluções positivas, cujo principal fim é garantir a eficaz defeza dos regimens que presidem aos destinos dos povos.

De nada valerem nem os bons desejos do sr. Presidente da Republica, nem o facto da amnistia ser proposta pelo sr. Machado dos Santos, a quem em grande parte se deve a implantação da nova fórma de governo, nem tão pouco as indicações de varios republicanos revolucionarios. O parlamento, por uma grande maioria de votos, recusou a amnistia, recusou restituir ao carinho das respectivas familias essas centenas de presos que estão povoando as cadeias do paiz, entre os quaes figuram duas senhoras da nossa mais distincta sociedade, fazendo correr dia a dia, rios de lagrimas em muitos lares d'este pobre Portugal, tão digno pelo seu esforço no passado de uma melhor sorte no presente.

Occorre, claro está, perguntar porque procedeu assim o parlamento. Por espirito de vingança ou malvadez? Por conveniencia politica?

E' certo que o odio dos republicanos aos monarchicos está ainda muito vivo e que d'esse odio, alem de accusações varias que os primeiros teem feito aos segundos, algumas das quaes chegam a fazer rir pelo excesso da phantasia que manifestam, tem resultado mais d'um acto que os verdadeiros amigos da liberdade já estigmatizaram de fórma a afastarem de si toda a responsabilidade que nos mesmos lhes podesse caber. De tal sentimento, porém, julgo eu que devem estar isentas as resoluções parlamentares.

Eu tenho como principio que nunca devemos procurar o peor aspecto das cousas. Ha duas maneiras de julgar os homens e as suas acções: uma assentando em que elles são maus e portando que só o mal inspira todos os seus actos; a outra partindo do principio inverso, isto é, procurando attenuar, tanto quanto possível, o que no seu modo de proceder nos pareça anormal. Se o ultimo criterio fosse sempre seguido, muitas luctas se teriam evitado e talvez que a sociedade fosse bem melhor do que na realidade é.

Adoptando, pois, este raciocinio, vou encontrar a resposta ás perguntas que mais acima formulei na affirmativa d'um deputado, cujo nome agora me não recorda, o qual disse que as amnistias só provam a força de quem as dá.

E' uma affirmativa incontestavel, como incontestavel é tambem a inversa: — quando um governo, n'um caso como o que estamos discutindo, entende que não pode ou não deve praticar um acto que sendo magnanimo é tambem do seu proprio interesse, é porque a isso se oppõe a segurança do estado ou a necessidade de consolidar as instituições.

O regimen que, julgando-se forte e radicado na alma d'um povo, presistisse, depois d'isso, em conservar a ferros os individuos que contra elle tivessem conspirado, esse regimen commetteria um acto de mesquinha vingança, improprio do nosso tempo e da nossa civilização.

Presos politicos não são criminosos vulgares a quem a sociedade entende que para sempre, ou durante longo tempo, deve afastar do seu convívio. A razão de ser da prisão dos primeiros acaba, não se dando circumstancias excepçionaes, no dia em que um regimen, seja elle qual fór, veja que os reduziu á impotencia, que antecipadamente annullou todos os effeitos de qualquer nova propaganda que elles venham a tentar, graças ás suas boas medidas e ao contentamento do povo, que é a materia prima indispensavel para todas as revoluções.

Não ha governo nenhum que não deseje, perante o paiz e perante o estrangeiro, mostrar a sua generosidade, consequencia logica da sua força, dando a liberdade aos seus inimigos, indicando-lhes o caminho de suas casas, unico lugar onde mais á vontade poderão carpir saudades do seu ideal, quando todas as esperanças de o realizar estejam perdidas.

Não procedeu assim o actual parlamento portuguez e por consequente bem evidenciado ficou que o regimen, apesar dos seus quasi tres annos de existencia, não se julga ainda perfeitamente adaptado ao modo de sentir da grande maioria do nosso povo.

De egual maneira parece pensar a Carbonaria Portugueza, como se deduz da sua recente «Prevenção», um dia d'estes affixada pelas paredes e distribuida ao publico. Os carbonarios são, sem duvida, os mais dedicados amigos da republica, pois tem sido devido a elles que os governos republicanos teem conseguido annullar todos os manejos dos seus inimigos. Ora a Carbonaria ainda recentemente afirmou que que não dorme, que continua firme no seu posto, vigilante sempre, alerta sempre na defeza da republica. Logo é porque entende que o regimen precisa ainda dos seus cidadãos e da sua dedicação.

Está n'isto a unica defeza plausivel da resolução parlamentar contraria á amnistia proposta pelo Snr. Machado dos Santos, a cuja generosidade de intenções já aqui, n'este mesmo lugar, pres- tei homenagem.

J. NUNES DE FREITAS.

PATER DEMITTE ILLIS!

Jesus, que mal fizeste á sociedade,
que te cobre de affrontas e desdens?
tu que ensinaste ao grande a caridade,
a paciencia ao pobre, o amor ás mães,
tu que encheste de bens a humanidade,
que nada lhe pediste e nada tens,
que por amor dos filhos teus morreste,
Jesus, que mal fizeste?

D'onde vem esta sanha, este delirio
de preferir a sombra eterna á luz?
de não querer na morte um canto, um cirio,
nem a aureola, sequer, da tua cruz
que sempre fóra esperanza, no martyrio,
d'uma vida melhor, dóce Jesus?
Visionario divino da Montanha,
d'onde vem esta sanha?

O nada! sempre o nada! o nada eterno!
tantos sonhos de nobres ambições,
tanto espirito lucido, superno,
tanta saudade e amor nos corações
e o nada após!... o tenebroso inferno,
viscoso tremedal de podridões!
infecta, suja, lobrega morada!...
O nada!... sempre o nada!

Jesus, hostia votada aos mil tormentos,
chamava para si os desvalidos
ignorantes e maus; e taes accentos
havia em sua voz, que, enternecidos,
viam fugir-lhes o odio, os desalentos,
e beijavam-lhe as mãos de commovidos.

Jesus dava lições
nos conselhos, no exemplo, nas acções.

Jesus quasi a expirar, já no calvario,
sentiu o escarneo, a affronta, mais que o crime,
e olhando o céo, — consolador sacrario,
eterno manancial de amor sublime,
abençoava o povo sanguinario,
torpe, ingrato... (infeliz! e isto o redime!)
dizendo com amor:
— «Elle não sabe o mal que faz, Senhor!» —

THOMAZ RIBEIRO.

Feliz, mesmo nas suas angustias, aquelle a quem Deus concedeu uma alma digna do amor e da desgraça. Quem não viu a esta dupla luz as cousas do mundo e o coração dos homens, nada viu de verdadeiro e não sabe nada. A alma que ama e sofre está no estado sublime.

Victor Hugo.



CARTAS DO RIO DE JANEIRO

VII

AQUEM E ALÉM-MAR

As Crianças — As festas
da cidade — A arte de
ser avô.

*Sinite parvulos venire ad me,
(Do EVANGELHO.)*

É a palavra suprema, a mais doce e poetica do christianismo. «Deixae vir a mim os pequeninos», disse Jesus, como se esse dizer fosse o élo sagrado que prendesse para sempre a innocencia á religião que Elle fundava, e que tinha por suave dever abrigar a criança sob a sua aza desvelada e protectora.

E' talvez por isso mesmo que o Natal, o Anno Bom e o Dia de Reis, são por excellencia as festas das crianças, que á sua imagem e semelhança se vêem reproduzidas n'essa criança divina, nascida ha vinte seculos, num presepe humilde. Todas ellas, em todos os tempos e em todos os paizes, dirigem a sua imaginação infantil e os seus sonhos dourados para esses dias augustos em que por haver nascido Jesus, e por terem os Reis Magos seguido a estrella que os conduzia até Elle, ellas como que partilham tanto tempo depois, os incensos, os presentes, os louvores, com que esses Reis vinham glorificar o Deus nascido, conjugando-se no seu espirito incipiente, com as homenagens da Igreja e dos fieis, os brinquedos, as prendas, os canticos, as dansas, os folgares, reservados á sua idade e á sua innocencia.

Os dias que fecham um anno e abrem outro, do Natal aos Reis, são, portanto, dias festivos que, mais do que a ninguem, pertencem ás crianças.

Negar a comprehensão desta verdade ao Sr. Prefeito do Rio de Janeiro, seria negar facciosamente a luz. Inspirado das palavras do Divino Mestre, tambem elle chamou os pequeninos, e tantas festas lhes proporcionou nesses dias commemorativos, que atravez do jubilo intimo, se devia ter esboçado nitidamente nas suas almas de crianças, para melhor a amarem, a figura gentil, bondosa, terna, alada, que dois mil annos antes, tinha chamado a si, para os acarinhar, para os beijar, os pequeninos como elles.

Remorder-me-hia a consciencia se não contribuisse com a minha quota parte, neste mez ainda festivo, para a glorificação da criança.

Como? Fazendo reflectir nestas columnas o espirito de um grande poeta, do maior que teve o seculo findo. E' uma offerta magnifica, porque vem d'elle, modestissima, porque é feita atravez do meu nome. O poeta formidavel dos *Chatiments* e do *Napoléon le petit*, o Juvenal colerico e terrivel, é o mesmo doce, amavel e divino poeta dos *Mes enfans* e de *L'art d'être grand-père*. Todo o odio sublime aos traidores e aos despotas transforma-se no coração de Victor Hugo em amor, em ternura infinita, pelas crianças.

Na idade viril cantou, em todas as fórmas soberanas da arte, a infancia dos seus filhos. Octogenario escreveu a *Arte de ser avô*. Foram alguns dos mais bellos e nobres versos d'essa obra prima que eu reproduzi em versos portuguezes, e são esses que a seguir offereço ás crianças brasileiras, que esquecerão em breve o traductor modesto, e recordarão sempre o grande e enternecido avô, que com tanta poesia as amou e as cantou com tanto amor.

A criminosa

Joanna estava no quarto escuro, de castigo

Por um crime qualquer.

Faltando a um dever

Fui vêr essa proscripta, eu que era um velho amigo,

E sem respeito á Lei,

De bólos um cartucho a médo lhe passei.

Mas aquelles em quem na minha cidadella

Repousa a salvação da sociedade, vendo,

Indignaram-se contra o desacato horrendo.

Então, na doce voz que a contrição revela

Joanna volta-se e diz:

— «Já não torno a metter o dedo no nariz

E nunca, nunca mais me ha de arranhar o gato —

Podem lá pôr na idéa a prégacao que houve!

«Que para a hediondez sem nome do meu acto

Não havia desculpas,

Que nunca á mão lhe fui, que tudo que lhe aprouve

Fiz, em resumo, que era um fraco, um passa culpas».

«Ella conhece-o bem». — diziam-me excitados,

«Pois se ella o vê a rir quando nos vê zangados!

Sem lhe ir alguém á mão.

Sem exemplos, sem lei, sem regra, não ha ordem,

E é urgente pôr cobro a uma tal situação.

A culpa é toda sua,

A culpa é de quem faz n'esta casa a desordem —

Eu curvei a cabeça e disse: — «Nada tenho

Que responder. Fiz mal: é a verdade crúa;

Indulgencias eguaes a estas eu convenho

Que levam fatalmente os povos á ruina;

Mettam-me no castigo». — «E cre que o não merece?

Vae para o quarto escuro: o seu castigo é esse — ».

Muito baixinho então, na sua voz mais fina,

Do seu cantinho erguendo os olhos para mim

Cheios da auctoridade humilde da criança,

Joanna disse-me assim:

— «Não faz mal. Eu te irei levar bólos, descança».

Joanna

Joanna, que me quer tanto e tanto me acarinha,

Por isso que é mulher, já se sente rainha,

Ora, o A B C de uma mulher é ter

Uns braços brancos, é ser formosa, é fazer

Com que a um olhar se curve a fronte mais alteada,

E' ter com uma flôr, com um sorriso, um nada,

A força de abalar um forte coração.

No fundo do homem ha tristeza e ingratidão;

E' ser ao lado delle a fronte radiosa

Doce, mais do que o azul, rosa, mais do que a rosa.

Tres annos. Já tudo isto ella sabe, asseguro;

Ella, Joanna, a flor do meu velho muro,

Ella, a minha embriaguez, o meu encanto. A minha

Estrophe que ao pé della é uma pobresinha

Quando implora recebe em paga um raio d'amor.

Como a criança é mulher! Com que arte sabe pôr

Os fatos que ella veste, as cousas que ella tem:

O seu vestido, os seus sapatos côr de rosa!

Tem movimentos como a vespa graciosa.

E' bem mulher, ou mostre uma fita, um bordado,

Ou a fresca *toilette*, e a alma de lado a lado,

Celeste por dever, linda como as que o são,

Começou a reinar... é a minha perdição!

A entrada na vida

Joanna está fallando e diz cousas que ignora;

Dirige ao mar que ralha, á floresta sonora,

A's nuvens, aos rosaes, á ave, ao céo, ao ar,

A' immensa natureza um terno balbuciar,

Um discurso talvez profundo, ideal, conciso,

Que ella remata com a graça de um sorriso

Em que fluctua uma alma, em que um sonho palpita;

Murmurio d'onde sae a poesia infinita,

Vago, indistincto, obscuro, um tanto complicado

E Deus, o velho avô, escuta deslumbrado.

O sonho de Joanna

Assentada na herva, rosea e grave,
Joanna sonhava.

Approximei-me della e com voz suave :

«Queres alguma cousa, dize, Joanna?»

Ah! que a minha vontade é sempre escrava

D'estes mimosos séres que eu adoro!

Não ha missão mais bella e mais humana

Do que esta minha :

Andar a vêr se aprendo, se decóro,

O que pensa a criancinha.

Com voz amiga :

— «Quero vêr bichos» — Joanna respondeu.

Mostrei-lhe então na herva uma formiga ;

Mas nenhuma attenção Joanna lhe deu.

— «Não, grandes, bichos grandes» — disse-me ella.

O grande é o sonho

D'elles todos; attrae-os a procella.

PENSAMENTOS

A herança dos sabios tem sempre maior extensão e perpetuidade que a dos ricos: comprehende o genero humano e alcança a mais remota posteridade.

Marquez de Maricá.

Um celibatario é um ente a quem falta alguma cousa; parece-se com a metade de uma tesoura que sem a outra metade nada vale.

Franklin.

Onde poderia Dante ter procurado e achado o assumpto do seu inferno senão no mundo real? Ora é bem um inferno que elle nos pintou. Pelo contrario, quando se tratou de descrever o céu e

A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA



Julgamento de accusados políticos — Da esquerda para a direita: Mançoni de Sequeira, Alexandre Mimoso Roiz, Fernando Xavier de Basto e Luiz de Sousa Amorim

Tenta-os, encanta-os, o fragor medonho
Do mar que com seu ronco e forte canto
Os enleva e os captiva, pela sombra,
Pelo vento a rugir como um leão.

Gostam do espanto,

Do prodigio e de tudo que os assombra.

— «Não tenho aqui um elephante á mão».

Joanna, mas dize: qualquer outra cousa

Não tenhas medo».

— «Aquillo». — E num sorriso, graciosa

Ergueu ao céu o pequenino dedo.

Rompia a noite. Sobre nós suspensa

Vi então no horizonte a lua immensa.

VICTOR HUGO.

as suas alegrias, viu-se a braços com uma difficuldade insuperavel.

Schopenhauer.

Se quereis mal a uma mulher, deixae-lhe fazer as vontades.

Young.

No fundo de toda a vocação de poeta, bom ou mau, ha sempre algum amor de mulher.

Teophilo Gautier.

Espera-se sempre em vão gosar a vida, e por fim, tudo quanto se faz — é supportal-a.

Voltaire.

A VIDA ELEGANTE

NA ultima chronica fomos obrigados pela falta de espaço a fazer apenas ligeira referencia ás lindas festas com que as sr.^{as} D. Leonor de Castro Guedes Rosa e D. Sarah da Motta Vieira Marques notabilisaram a vida mundana do mez findo.

A linda casa da distincta esposa do eminente actor Augusto Rosa é uma verdadeira galeria artistica cujo exame, quando seja minucioso, leva algumas horas, tantas são as bellas cousas dispostas n'aquelles salões para deslumbramento dos olhos e desespero do nosso appetite de colleccionadores. A arte antiga e as arte moderna confraternisam alli de forma, que não ha pretexto para séria ri-

VIDA ELEGANTE



Augusto Rosa

validade. Cada um no seu lugar attrái a caricia dos olhares e suscita a admiração dos entendidos. E' que não ha alli só a sciencia da escolha, ha a sciencia da disposição. O certo é que n'uma visita a esse curioso museu, perde-se a noção do tempo, o que por experiencia propria affirma quem escreve estas linhas, accrescentando que o encanto e affabilidade dos domnos dessa linda casa, não contribui pouco para essa especie de enfeitamento em que ficámos prêsda da sua convivencia. A festa solemnisadora do anniversario de Augusto Rosa realisada portanto com um tão brilhante scenario, teve aspectos soberbos que a tornou inolvidavel. Foi uma grandiosa homenagem á musica e á poesia levadas a effeito com raro esplendor. Cantando, as sr.^{as} D. Sarah da Motta Vieira Marques e D. Adelaide de Lima Cruz, recitando, as sr.^{as} Condessa de Vinhô e Almedina, D. Branca Ferreira Pinto e D. Adelaide Coelho da Cunha e tocando as sr.^{as} D. Elisa Baptista de Souza Pedroso, D. Maria de Magalhães Lobato Guerra, Rey Colaço, General Julio de Magalhães e Dr. Ferreira Cardoso, foram collaboradores eximios de Augusto Rosa, que deu ao programma o alto realce do seu fino talento de *diseur* recitando versos de Affonso Lopes Vieira e de José Coelho da Cunha.

A pura impressão de arte que no espirito da elegante assistencia deixou a encantadora *soirée*, não pode desvanecer-se; antes será a indelevel e consoladora recordação de horas de prazer, sempre lembradas com natural saudade.

A sr.^a D. Sarah da Motta Vieira Marques tem na sociedade lisbonense um logar de excepcional evidencia pelo brilho do seu talento que resplandece em multiplas e sempre notaveis manifestações, pelo encanto da sua convivencia e ainda pela bondade tão



Vida elegante — D. Leonor de Castro Guedes Rosa

simples e tão attraente do seu coração. As suas festas não obedecem ao intuito de exteriorisar vaidosamente esplendores; tem uma orientação especial, visam a um alto fim; — homenagiar talentos de eleição, vulgarisar aptidões que sem o prestigio da sua acolhida, ficariam occultas na ignorada sombra da modestia, ou espargir sobre alguma desdita, as perfumadas flôres da caridade. Assim o seu nome destaca-se fulgurante como uma divisa de bom gosto e de elegancia.

A festa que a sr.^a D. Sarah da Motta Vieira Marques realisou



Vida elegante — José e Francisco Metrass de Campos

no seu lindo palacete da rua do Athayde, em 10 de fevereiro, foi mais uma affirmação do seu valor intelectual e moral. Subordinado o programma ao titulo *A alma infantil na poesia e na musica*, fez ouvir, enramilhetados n'um precioso *bouquet* de flôres de rara belleza, algumas das composições musicas e litterarias, que á ins-piração dos musicos e dos poetas, suggeriram a graça, a singeleza,

esse mysterioso e penetrante encanto que emana dos pequeninos, dulcificando as asperezas da nossa vida, e avigorando para a lucta as nossas energias. Sollicitando das senhoras suas convidadas que lhe levassem uma peça de roupa para creanças pobres, Ma-

Exposição de pintura de D. Emilia Santos Braga



Mãe

dame Ferreira Marques illuminou a sua artistica festa com o fulgôr d'aquella commovida bondade, que é o reflexo dos corações onde floresce a alegria d'uma boa acção.

Essa notavel *soirée* teve portanto um duplo encanto; e o seu exito foi absoluto, tornando-se inolvidavel para os que tiveram o grande prazer de assistir a tão brilhante manifestação artistica, e para os pequeninos pobres que colheram os abençoados fructos da delicada ideia da sr.^a D. Sarah da Motta Vieira Marques.

L. T.

ARTES E ARTISTAS

Exposição de pintura de D. Emilia Santos Braga

E'-nos impossivel mencionar n'esta acanhada apreciação o nome de todos os criticos portuguezes que teem deposto a oblata da admiração no altar d'esta insigne artista que, no dizer imaginoso de um litterato celebre, é a propria arte.

D. Emilia Santos Braga, dizia, ainda ha pouco, um outro litterato de nomeada: «E' uma das mulheres mais interessantes que tenho conhecido. Um coração de ouro, um talento de eleição. Uma mulher assim é uma obra prima do Creador!»

De facto: o talento peregrino da illustre pintora tem offerecido a cada uma das nações em que tem exposto os seus trabalhos, um diamante da sua corôa de artista.

Tem obtido premios nas exposições de Paris, Rio de Janeiro e Madrid; e foi n'esta ultima cidade, patria dos mais celebrados pintores, onde os trabalhos de D. Emilia Santos Braga mais justa e merecidamente foram apreciados e galardoados.

Fizeram-lhe justiça os illustres *maestros* de Madrid, premiando e louvando na imprensa o incontestavel valor artistico da muito distincta senhora.

As suas obras, que já são muitas, glorificam-lhe o nome, e nós, os portuguezes, devemos sentir-nos envaidecidos por termos no nosso paiz tamanha gloria artistica.

Na semana de exposição, no seu elegantissimo *atelier* pousado n'um alegre jardimzinho cercado de rozeiras, lá para os lados da

Praça Duque de Saldanha, vimos agrupar-se, subjugado ao magnetico influxo do seu fino espirito penetrante, um olympe de artistas illustres, como Malhóa, seu mestre, Carlos Reis, Visconde de Athouguia, D. Fernando de Serpa Pimentel, Marquez de Villalobar, ministro de Hespanha, e outros devotados admiradores que successivamente encheram o seu *atelier* durante a referida semana.

As senhoras da nossa sociedade acudiram, em *rendez-vous* elegante, ao *atelier* de madame Santos Braga, sendo curioso vér e observar o desenfado *blasé* com que essas lindas damas, algumas de rara belleza, admiravam e commentavam as telas incomparaveis da mestra, deixando fluctuar os seus vestidos de sédas e veludos pela alcatifa cór de parola do airoso *atelier*, em que as plantas, de um verde fresco, contrastavam com as dezenas de té-las onde pulsava o vigor masculino dos grandes mestres, poetisado pelas fragrancias delicadas da poesia feminina.

D. Emilia Santos Braga firmou uma escola sua, nos nús e nas crianças, n'essas adoraveis crianças cheias de vida, de observação e de verdade, que hoje firmam a sua escola, como as celebres Virgens firmaram a de Murillo.

D'aqui felicitamos a illustre senhora pelo exito obtido na sua segunda exposição, esperando admirar na exposição nacional que deve realisar-se no proximo mez de maio, os novos trabalhos que sua excellencia nos disse ir alli expór.

F. A.

MATER

Fico a scismar em tí horas 'squecidas,
Sem dar por mim, á sombra de uma palma...
Já sinto reflorir as rosas d'alma,
As rosas que eu sentira emmurhecidas...

Fecharam-se, uma a uma, as fundas f'ridas
Do meu coração, hoje um mar em calma
Que ao sópro do teu halito se acalma
Como de minha mãe ás bençãos q'ridas.

Qual o naufrago exausto que o vae-vem
Das ondas lança á praia quasi morto
E vê que a vida emfim salvada tem,

Tal, em tí pondo os olhos, oh meu bem,
Sinto da salvação o anciado porto
Como se fóras tu a minha mãe!

MARIANO GRACIAS.

(Do livro Inedito *A Bíblia do Amor*.)



Exposição de pintura de D. Emilia Santos Braga

Indecisão...

FERNANDO

O Nature, tu m'as donné le don de juger la vie, et qui la juge n'est pas fait pour elle.

JULES TELLIER.

Vasco de Ancède era um rapaz alto, moreno, de fartos cabelos negros, olhos expressivos e uma bocca rosada onde um sorriso triste apparecia frequentemente.

Fôra nos primeiros annos da mocidade, alegre e bulhoso; depois, retrahira-se e vivia quasi isolado apesar das constantes provocações e attracções do mundo.

Ninguem lhe conhecia um galanteio, e no emtanto tinha inspirado varias paixões a que não correspondia.

— O Vasco é um enigma, diziam os seus amigos, tentando em vão decifra-lo.

N'uma tarde quente e abafada de agosto, subia elle vagarosamente a Avenida, quando se ouviu chamar por uma voz de mulher de suave timbre musical.

Parou e olhou:

— Ah! E's tu?

E estendeu a mão a uma gentil loira que seguia na mesma direcção. Era sua irmã.

— Onde vaes?

— Dar um passeio pelas avenidas.

— Acompanho-te, se não te incommodo.

— De modo algum.

Ella enfiou-lhe o braço e seguiram em silencio. Por fim, como a medo, Luiza murmurou:

— Consentes-me uma pergunta, Vasco?

— Mil.

— Porque te não casas?

— Não creio na mulher.

— Porém, ha muitas que...

— Perdão, que me convenha não ha nenhuma.

— Mas...

— Minha filha, eu não quero ser-te desagradavel, mas sinto-me infeliz por ser homem. Eu desprezo os homens e não estimo as mulheres.

Habituei-me, pelo poder do raciocinio, a julgar os sentimentos humanos, e posso dizer-te com antecedencia, como esta ou aquella pessoa do nosso conhecimento procede em determinada occasião. Assim, fallando com nosso pae, adivinho os seus pensamentos e soffro d'elles, quando não còro. Contigo, o mesmo; com a mãe tambem... com todos. Conheço tanta gente e não encontro um unico ser perfeito!

Tellier tem razão: quem julga a vida não é feito para ella.

Luiza estremeceu:

— Que queres dizer?

— Que descendo ao coração De todos quantos conheço, Sorrio, còro e estremeço, Com viva e sã repulsão.

— Meu Deus! mas se nada te prende á vida, podemos receiar que...

Vasco sorriu superior:

— Não. Se ella não me prende, a certeza de que a toda a hora a consumo e caminho para o fim, dá-me animo para a suportar.

— Mas porque julgas tu mal de todos? Eu tenho-me na conta d'uma optima criatura, nossa mãe é uma santa, o pae um bom...

— Continúa pensando assim: serás feliz.

— Tu mesmo, sem essa mania de isolamento, serias um rapaz encantador.

Uma lagrima deslisou ao longo nas faces de Vasco:

— Como te illudes, querida. Eu sou como os outros. Tenho apenas sobre elles a superioridade de me saber julgar e de os julgar. Queres que te diga o que te fez encontrada commigo esta manhã?

— O acaso, o mais perfeito acaso...

— Não mintas: querias, desejavas influir em mim para que case com a tua amiga brasileira. Todos aneiam por vêr essa fortuna em casa. Enganam-se.

— Mas ella adora-te.

— Que me importa? Se assim como leio as tuas intenções, leio as d'ella? Crê-me, é inutil: não se preocupem commigo.

E dando-lhe um beijo na testa, affastou-se rapidamente.

Luiza ficou como pregada ao solo, fitando sem vêr as pedras do passeio.

Vasco, olhando para traz, voltou a ter com ella:

— Não te desconsolés.

E como respondendo-lhe ao pensamento:

— E' inutil o suicidio: só recorrem a elle os desesperados que não pensam.

— Mas que fazes tu na terra?

— Analyso os meus sentimentos e os dos outros. E é tão funda a dôr d'esse constante trabalho a que não posso nem sei eximir-me, magoa-me por tal fórma a mentira e illusão das cousas que, no meu coração descrente de tudo, uma unica ideia está assente: — Ha Deus.

A linda loirinha olhou-o com assombro e, não compre-

hendendo nada d'aquelle cerebro annuveado, pasmou da certeza do irmão e perguntou-lhe ingenuamente?

— Haverá?

Elle olhou-a com um sorriso triste, envolvendo-a n'um olhar que ella não comprehendeu e que queria dizer:

Guerra Peninsular



O padrão commemorativo da batalha da Roliça

O combate de Roliça, ferido no dia 17 de agosto de 1808, foi a primeira acção offensiva do exercito inglez do commando do general sir Arthur Wellesley — depois lord Wellington — contra uma fracção do exercito francez de Junot, duque de Abrantes

Seis mil francezes, commandados pelo general Delaborde, sustentaram nas posições da Columbeira, Roliça e Zambujeira dos Carros, encarniçada lucta contra os 14:000 homens de Wellesley, entre os quaes se encontrava uma fracção portugueza, vendo-se obrigados a retirar sobre Torres Vedras, o que fizeram em boa ordem e sem serem perseguidos pelas forças alliadas.

O padrão que a nossa gravura representa foi erigido em commemoração d'aquelle combate, no alto da Columbeira, tendo sido, em 1903, restaurado o monumento pelos officiaes do 20.º regimento de infantaria ingleza, corpo a que pertencera o tenente-coronel Lake, que n'aquelle acção recebeu morte gloriosa.

A QUESTÃO DO ORIENTE

A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia

— Lá me enganei! julguei que falava com *alguem*.

E afastou-se resolutamente, certo de que nunca no mundo encontraria esse *alguem*.

E a irmã, que duvidava da existencia de Deus, repetia n'essa tarde á mãe com intima convicção:

— Acredite, minha mãe, o Vasco está pagando não sei que culpas:

A mãe, que no presente se entregava a praticas devotas, mas cujo passado fóra estranhamente tempestuoso, sentiu a consciencia estremeceer alvoraçada e murmurou.

— Talvez, talvez tenhas razão. E passados instantes perguntou:

— E que dizes á brasileira?

— Que lhe heide dizer?... Que vá pensando.

— Quem sabe?... talvez um dia...

Vasco, entrando e olhando as duas, que se calaram subitamente, disse-lhes com ironia:

— Já lhe affirmei que é inutil pensarem em mim.

E afastou-se para a janella, tristemente enojado.

Se elle lia nos corações... pobre Vasco!

MARIA O'NEILL.

Destruição das vespas

*Geralmente destroem-se os ninhos de vespas



No acampamento — Os officiaes bulgaros estudando as fortificações de Andrinopla

com um pouco de sulfureto de carbone ou de petroleo; os ninhos dependurados das arvores por meio do fogo; mas os ninhos que estão nos telhados de colmo, ou nos buracos de madeira, são mais difficeis de eliminar. Eis um processo novo para o conseguir: collocar no fundo de um frasco de largo gargallo alguns bocados de sulfureto de ferro e uma pouca de agua. Fechar o frasco com uma rolha atravessada por um tubo de vidro, continuado por um tubo de cautchouc. A' noite, quando todas as vespas tenham entrado no ninho, deitar um pouco de acido chlorhydrico no frasco, rolhal-o e introduzir o tubo de cautchouc na entrada do ninho. Tapar depois esta entrada com uma pouca d'argila.

As vespas serão asphyxiadas pelo hydrogenio sulfurado que se produziu.

A NOVIÇA

Succede a cada momento
Vir encontrar-te, coitada!
Dentro do meu pensamento,
Casta pomba immaculada.

E é como ver-te abraçada
A' cruz de um martirio lento,
Sob a abobada gretada
De um triste e velho convento!

Foge, vae, ninguém cubiça
Martirios n'essas edodes,
O' minha gentil noviça!

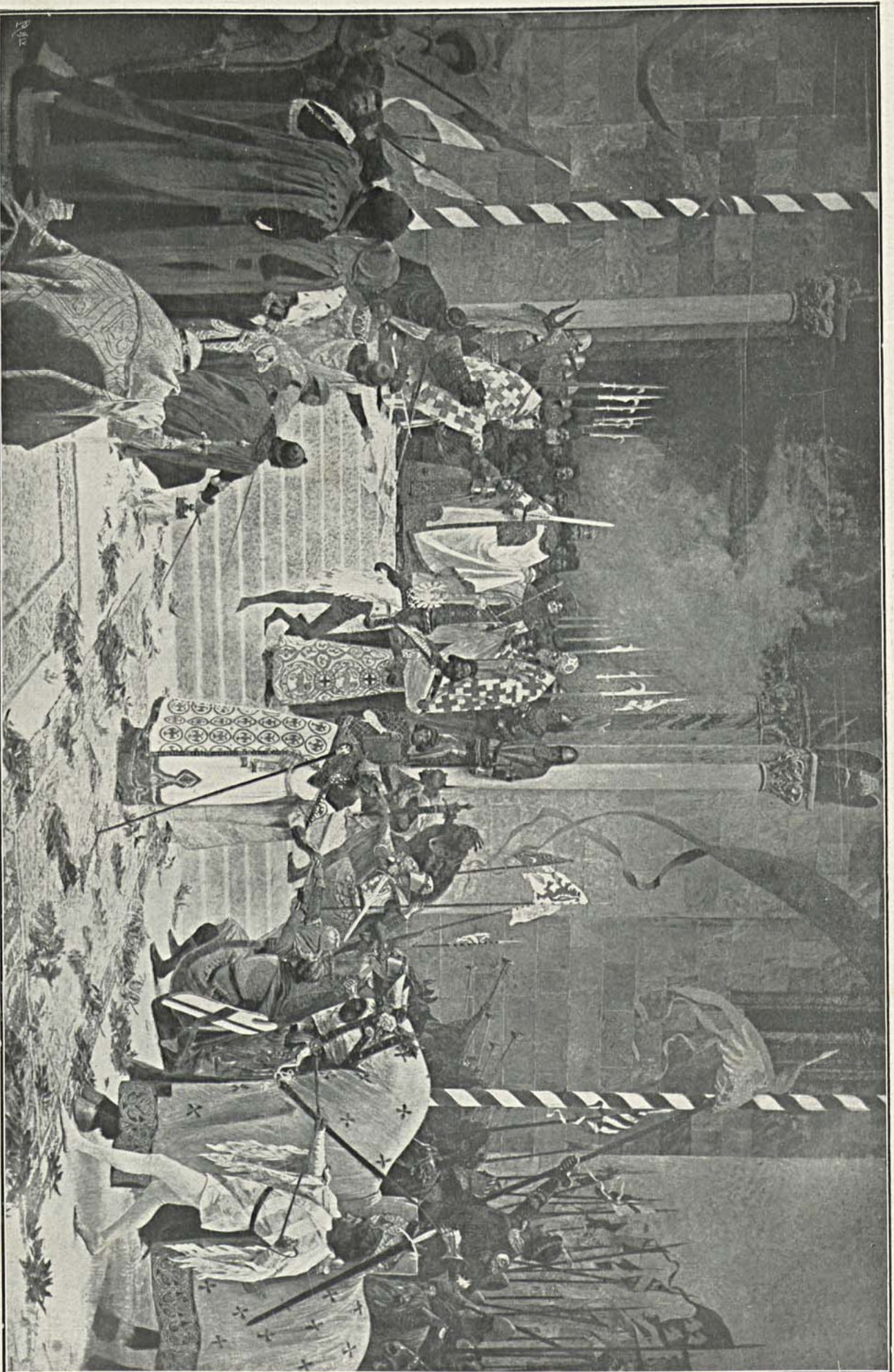
Vae, mas olha para as grades
Nos dias santos, a missa...
Quero morrer de saudades!

FERNANDO CALDEIRA.



A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia — Tropas bulgaras tomando posição para o combate

A reconstrução d'um episodio da historia antiga da Servia



A coroação de Stephen Dushan, em 1346, em Uskub, antiga cidade servia chamada Scoplje, hoje reconquistada aos turcos
(Quadro do pintor Paulo Yovanovitch, existente no Museu Nacional de Belgrado)



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXIII

As convicções do Sr. Raul

O Sr. Raul d'Assumpção pertence ao numero dos mais cotados intransigentes politicos com o actual estado de coisas. Na manhã do historico 5 d'outubro bufou raivoso quando as girandolas sibilaram festivas sobre a cidade annunciando o fim do combate e o triumpho definitivo da revolução republicana. Primeiro colerico, o Sr. Raul, apostrophou a quietude dos defensores do Throno que aguardavam no concheço caseiro o fim da contenda, sem irem offerecer o seu braço em defeza das Instituições atacadas pelas peças da Rotunda. E, cheio de raiva e de valor, girou durante toda a manhã em volta da mesa da casa do jantar, dando murros no aparador, que faziam pular a esposa, cheia de receio pelos impetos do valoroso Raul e pela sorte da louça que tilintava aos solavancos das iras do seu assanhado consorte.

— Um homem! Um homem só, que tivesse os nervos no seu logar e fosse ali acima ao Carmo buscar uma companhia da Guarda Municipal varria tudo. Ah! que ganas me dão...

E o Sr. Raul n'uma arremetida mais violenta chegou a ir até ao corredor.

Houve um momento tetrico, motivado por esse passo audaz. A esposa, soltando o cabelo que uma travessa desdentada sustinha a custo no toutiço, correu com os dois pimpolhos mais pequenos a tolher-lhe o passo na altura do quarto da creada; e a sogra (virtuosa excepção na regra geral) afflictiva e resoluta, encostou as fartas carnes trazeiras á porta da escada como muralha defensavel a qualquer sortida.

— Não vás Raul. Pelo nosso amor te peço, pela saude do Niquinhas e da Maricotas, não vás buscar a companhia da Guarda Municipal.

O Niquinhas com o dedo no nariz e a Maricotas roendo o sabugo do polegar, lamuriavam afflictos olhando a mãe atravancando o corredor e a avó espalmada de encontro á porta, como uma osga em muro da quinta.

O Sr. Raul tremendo de comoção parou no fim do primeiro metro andado.

— Soceguem, soceguem. Eu não vou á municipal... vou ali ao quarto de banho.

E foi; e pela janella d'esse compartimento onde o loiro grassava todo o dia assobiando o hymno da Carta, o Sr. Raul viu fluctuar os primeiros symbolos triumphantes da revolução.

O resto do dia passou-o entre a casa do jantar e o seu quarto, arguindo a falta de coragem dos monarchicos. Ao anoitecer teve outro accesso de furia guerreira.

Pegou na bengala e querendo demonstrar como elle teria commandado a defeza da Coróa, partiu um pires chinez, infeliz ornamento da sala de mesa que findou os seus dias com as Instituições Monarchicas.

Durante oito dias não sahiu porque era muito conhecido no bairro e receava qualquer vingança por causa das suas ideias. E na primeira tarde que se aventurou até ás pedras da calçada foi blindado pela familia até a casa d'uns primos que morçavam ao fim da rua.

Não conseguíu o tempo vencer as enraizadas convicções do Sr. Raul, e os amigos começaram-n'o olhando com admiração e esperança.

O Sr. Raul tinha ideias; o Sr. Raul tinha planos; e a familia suspirava afflictiva porque estava convencida que elle tinha todas estas coisas tremendas.

A's quintas feiras no lote das Gonçalves — umas thalassonas que moravam á Estrella — o Sr. Raul dizia coisas profundas sobre a situação politica.

Mostrava que as coisas iam mal; muito mal mesmo, cada vez peor. E que um simples piparote finalisaria tudo.

A assistencia do lóto das Sr.^{as} Gonçalves dava guinchinhos de gózo, antevendo coisas lindas n'um futuro prestes a raiar, tão prestes que só dependia do tal piparote que o sr. Raul demonstrava ali, com os cartões do lóto, ser a coisa mais facil da vida.

E todos os oito dias, depois de ter quinado umas poucas de vezes e dispendido torrentes de eloquencia, o valoroso conviva despedia-se com uma piscadella d'olho significativa porque para a semana o loto devia ser festivo.

Assim se passou um anno; assim voaram dois annos.

Vinte e quatro mezes em que o pae da Niquinhas e da Maricotas foi um heroe, ao almoço verberando tezamente contra os artigos das gazetas governamentais, ao jantar em torrentes de censura contra as medidas do executivo e, no lóto das quintas feiras, em sorrisos enigmaticos e franzidelas d'olho com rosto furibundo, enchendo as almas de esperanças e a barriga de torradas.

Chegou a alcançar proporções d'um symbolo de intransigencia, de intrepidez e de firmeza. E não deixava de revestir uma solemnidade arrepiante quando no concheço dos intimos, fechada a porta da saletinha e bem afogados nas poltronas, o sr. Raul cravando as unhas nos sovacos do collete e esbugalhando os olhos pardos, verberava a passividade cobarde dos que deixavam espesinhar as convicções e as crenças, sem um protesto altivo, retumbante — como elle dizia — que se ouvisse no norte, no sul, no nascente e no poente.

— Ah! meus amigos que desalento causa vér tanta incoherencia, tanta falta de dignidade, tanta transigencia mesquinha. Assim, somos um povo perdido, porque quando falha a firmeza de caracter, falha tudo e não ha forma de nos oppórmos a que a derrocada nos arraste para o abysmo.

Todos concordaram; e em córo, lamentavam que tão raros fossem aquelles que, como o sr. Raul, sabiam manter uma conducta irreprehensivel.

O symbolo e a esperança escusava se modesto, limitando-se a balbuciar com um sorriso superior:

— Aqui graças a Deus ha firmeza nas convicções Não vergo assim com duas razões...

E batia no peito orgulhosamente.

... Foi então n'uma d'estas occasiões que affirmando com mais desenvolto entusiasmo a sua firmeza de coherencia, lhe cahiu do bolso do collete um cartão onde em letra bem talhada se identificava como socio do Centro Democratico Luz e Avanço, o cidadão Raul d'Assumpção.

Mas a revelação não teve consequencias de maior no animo dos assistentes porque o sr. Raul explicou que tinha sido convidado e proposto pelo seu guarda portão, que era carbonario, e «com coisas serias não se brincava».

E todos concordaram que *com coisas serias não se brincava...*

CRISPIM.

JOSÉ DE ALENCAR

No teu regaço, oh Patria angustiosa,
Oh grande Mã! oh Niobe! consente
Que caia minha lagrima pungente
E suspire minha alma dolorosa;

Tua serena fronte majestosa
Curva-se á terra — livida e plangente:
Perdeste a nivea corda, a fibra argente
De tua agreste Lyra luminosa.

Quem cantará agora esse obscuro
Idilio da floresta, — ingenuo tema
Que elle criou — tão mavioso e puro?

Quem guiará as azas do Poema
Com mais doçura? Oh Bardos do futuro,
Eu vos pergunto em nome de *Iracema!*

LUIZ GUIMARÃES.

LIVROS

E. Severim de Azevedo (Chrispim). **A' Janella.** Notas humorísticas sobre a política portugueza, 1 vol. — 1913

QUANDO há quatro annos Mário Galvão me apresentou no *Diario Illustrado* o jornalista Severim de Azevedo, eu julguei que se tratava d'um desses anonymos que a provincia exporta a meudo para Lisboa, tanta vez com bilhetes de ida e volta, excellente moço com aptidões limitadas ao noticiário vulgar das gazetas e aspirações por egual limitadas aos bilhetes de theatro, que é moeda corrente em pagamento de certas collaborações. O Severim era um moço de aspecto melancolico, retrahido, correcto sem póse, não procurando as familiaridades de convivencia, antes concentrando-se nos seus labôres, como quem está pouco para conversar.

A scisão regeneradora-liberal occasionou a sahida de alguns redactores do *Diario Illustrado* para o *Correio da Manhã*, fundado pelo grupo dissidente que tinha por patrão o sr. Vasconcellos Porto. Severim de Azevedo acompanhou esse grupo; e mêses de-correram sem que tornasse a avistar aquelle mancêbo gráve e sizudo que eu julgava simples manipulador de noticias anodinas no



Eugenio Severim de Azevedo
(Chrispim)

jornal do sr. Alvaro Chagas. E todavia, já então Severim de Azevedo dáva no *Correio da Manhã* provas cabais do seu talento de jornalista e do seu suggestivo humorismo, n'uma pequena secção a seu cargo, tratada com amorosa sollicitude. Tempos depois *Chrispim* surgia na primeira página da *Nação* á janella da critica, dando conta dos casos e piparoteando os typos com inexcusable graça, — e com excepcional delicadeza. O humorista tinha por escarpello — um alfinete; e foi talvez essa falta de brutalidade na analyse, que surprehendeu o respeitavel publico habituado a ver sempre fraternalmente unidas, a graça... e a grosseria. E foi assim, annotando dia a dia o acontecimento social e politico, encontrando-lhe com facilidade — e felicidade, o aspecto cínico, agarrando nos idolos e pondo-os de cuécas á clara luz do dia, de forma a tornar-se inniludível o seu aspecto ridiculo, que Severim de Azevedo, com chiste, com razão e com denodo, conseguiu juntar essas páginas que formam hoje a historia humorística dos primeiros annos das actuais instituições politicas e são ao mesmo tempo a consagração d'um talento real, ao qual circumstancias especiais não tinham permitido livre expansão e absolutas affirmações.

Mál diria eu, quando Mário Galvão me apresentava há cerca de quatro annos esse mancêbo gráve e circumspecto, sizudo e retrahido, que, dentro d'aquelle envolucro se occultava um dos mais subtis e delicados espiritos e palpitava um dos mais nobres e dedicados corações que tenho encontrado na vida!

LUIZ TRIGUEIROS.

Evaristo Gurgel



Tivemos o prazer de receber a visita d'este distincto professor brasileiro, que é ao mesmo tempo um pedagogo de merecimento e um escriptor e conferente cuja palavra é sempre escutada com attenção.

O sr. Evaristo de Faria Gurgel nasceu no Estado de Minas, seguiu o curso theologico no seminario de Marianna, tendo chegado a receber ordens menores, é formado em pharmacia pela Escola Superior de Ouro Preto, tem o curso superior da Escola Normal de S. Paulo e tem sido redactor de varios jornaes brasileiros.

O nosso illustre hospede, que visitou demoradamente a Europa, conta partir no proximo mez de Abril para o norte do Brasil, onde vae continuar, no Pará, em Manaos e n'outras cidades, a sua já longa serie de conferencias sobre pedagogia.

O sr. Evaristo Gurgel é um propagandista entusiasta da instrucção primaria nacionalista, fundada nos principios moraes e religiosos, pois entende que a escola sem Deus não só não educa como até prejudica.

Alguns minutos de agradavel palestra com o nosso illustre visitante, radicaram-nos no espirito todo o seu merecimento como educador.

SONETO

Podessem suas mãos cobrir meu rosto,
Fechar-me os olhos e compôr-me o leito,
Quando, sequinho, as mãos em cruz no peito,
Eu me fór viajar para o Sol-posto.

De modo que me faça bom encosto
O travesseiro comporá com geito.
E eu tão feliz! — Por não estar afeito,
Hei-de sorrir, Senhor, quasi com gosto.

Até com gosto, sim! Que faz quem vive
Orfão de mimos, viuvo de esperanças,
Solteiro de venturas que não tive?

Assim irei dormir com as crianças,
Quasi como ellas, quasi sem peccados...
E acabarão emfim os meus cuidados.

ANTONIO NOBRE.

A mulher que se irrita, muda de sexo.

M.^{me} de Puisieux.

A expedição do capitão Scott ao Polo Sul



O capitão Scott falecido em 28 de Março de 1912
e seu filho mais novo, nascido em 1909

É commovente a narrativa da morte do capitão Scott, o heroico explorador do polo sul, já quando voltava das regiões antárticas.

O capitão Scott não era para nós um desconhecido. Oficial da marinha inglesa, esteve ha annos na bahia de Lagos, sendo por essa occasião recebido, juntamente com outros officiaes da armada britanica, pelo fallecido rei D. Carlos.

O valente explorador foi detido por uma tempestade de neve que lhe impediu o regresso ao posto de reabastecimento, que aliás estava a poucos kilometros de distancia do ponto onde elle veio a fallecer bem como os seus companheiros.

Do seu diário, que foi encontrado sobre o seu cadaver, aqui reproduzimos as suas ultimas palavras:

«Estamos fracos a ponto de nos ser difficil segurar a pena; mas por minha parte não me arrependo d'este empreendimento, que mostra que os inglezes podem atravessar dolorosas provações, ajudar-se reciprocamente e encarar a morte com a coragem de sempre.

Temos corrido perigos. Sabiamos que teriamos de os correr. As circumstancias voltaram-se contra nós, não temos de que queixar-nos. Mas se voluntariamente demos as proprias vidas n'esta expedição, foi para honra da nossa patria. Apelo para os meus concidadãos a rogarches que não abandonem aquelles que dependem de nós.

Se houvessemos sobrevivido, eu teria para contar uma historia de coragem e de estoicismo dos meus companheiros, que comoveria a alma de todos os inglezes.

Estas grosseiras notas e os nossos cadaveres revelarão essa his-

toria, e com certeza que um grande e rico pai, como o nosso, cuidará desveladamente d'aquelles que ficam atraz de nós.»

Por alma do capitão Scott e dos seus companheiros realisaram-se ha dias, em Londres, sollemnes exequias, assistindo o rei Jorge e os altos dignitarios da côrte, etc.



A expedição do capitão Scott ao Polo Sul
O navio «Terra Nova» que conduzia a expedição

Desejos de doente

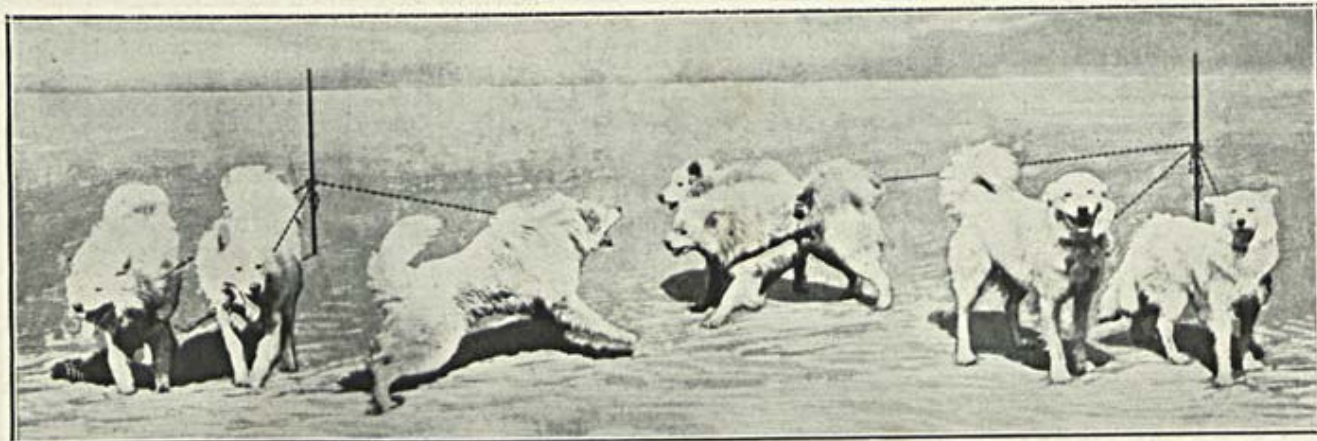
Querida, quando eu morrer,
Com tua boquinha breve
Não me venhas tu dizer:
«A terra te seja leve.»

Nesse dia vem calçada
De botinas de setim;
Quero a terra bem pisada,
Tendo teu pé sobre mim.

Em paga de meus amôres,
Quando tomar o caixão,
Deita-lhe um ramo de flôres
Colhidas por tua mão.

E se mais posso pedir-te,
Nesta eterna despedida
Deixa dos olhos cair-te
Uma lagrima sentida.

ALMEIDA ROSA.



A expedição do capitão Scott ao Polo Sul — Os cães siberianos que acompanharam a expedição

PENAS

Como differem das minhas
as penas das avesinhas,
que de leves leva o ar!
As minhas pezam-me tanto,
que ás vezes já nem o pranto
lhes allivia o pesar.

O passarinho tem pennas
que em lindas tardes amenas
o levam por esses montes,
de collinas em collinas
ou nas extensas campinas
a descobrir horizontes.

Com ellas veiu tolgando;
tem penas apenas piando
alguma lhe cae;
mas a essa pena affaz-se,
entretanto a outra nasce
e tudo esquece e... lá vae.

E as minhas penas não cahem,
nem vóam nunca, nem sahem
commigo d'esta amargura!
Mostram-me apenas na vida
a estrada, já conhecida,
trilhada dos sem ventura.

Passam dias, passam mezes
passa o anno muitas vezes
sem que uma pena se vá!...
E, se uma vae mais pequena,
ao depois nem vale a pena
porque mais penas me dá.

São bem felizes as aves!
Como são leves, suaves
As penas, que Deus lhe deu!
Só as minhas pesam tanto!
Ai! se tu soubesses quanto!
Sabe-o Deus e sei-o eu.

Borralha — Agosto 1870.

FERNANDO CALDEIRA.

Queres a flôr?

Em má hora, anjo perdido,
Me pediste uma flôr!...
Das que tenho, que são quatro,
Nenhuma fala d'amôr.

A primeira é a SAUDADE,
Cujos espinho atravessou
O coração, que a regára
Com pranto, que ella seccou.

A segunda é um MARTYRIO,
Que me deram, quando amei...
Foi-me caro — é um thesouro,
Que por lagrimas comprei.

A terceira é dos sepulcros,
— E' um goivo... não t'ó dou,
Fui colhel-o ao cemiterio...
Entre mortos vegetou!

A quarta... sim... dou-te a quarta
E' uma ROSA... mas olha...
— Se eu morrer, e tu sentires,
Na minha campa a desfolha!

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

THEATROS

Chronicas theatraes

Primeiras representações

Gymnasio — *Principe Herdeiro*, original allemão, 5 actos, de Meyer Foerster, traducção do sr. Hermano Neves.

Republica — *O Assalto*, 3 actos, de Bernstein, traduzidos pela sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Nacional — *Marcha Nupcial*, 4 actos, de Henry Bataille, traduzidos pelo sr. Mello Barreto.

Nos meados do mez de fevereiro succederam-se tres *premières* de peças de auctores de incontestavel fama, peças que têm alcançado successo quazi mundial.

E embora se trate de traducções de dois originães francezes e de um allemão, demandavam, pelo seu valor, largo relato, se a sua critica

THEATRO DA REPUBLICA — «O Assalto»



A nova actriç Esther Durval

não estivesse de ha muito feita pelas pennas mais brilhantes da critica estrangeira e não nos escasseasse completamente o espaço.

Vamos, pois, mui succintamente, esboçar a nossa chronica, frisando apenas a qualidade dominante, a faceta mais rutila, d'essas obras dramaticas e de seus auctores.

Assim em Meyer Foerster, considerado na Alemanha como um classico, tanto no romance como no theatro, constáta-se a tendencia moderna do theatro do Norte, para uma regressão ao romantismo.

Na sua *Alt-Heilderberg*, Foerster trata litterariamente motivos arrancados á vida de estudantes, tão caracteristica nas universidades allemãs. A peça actual, extrahida de uma sua novella, publicada em 1899 e que desde logo obteve grande successo, por constar que fôra inspirada n'um episodio authenticos da vida academica do actual principe imperial allemão, Frederico Guilherme, tem sido traduzida em todos os idiomas, sendo agora vertida para portuguez, e excellentemente, pelo sr. Hermano Neves, que lhe deu o titulo liberrimo de *Principe Herdeiro*.

Ainda n'esta peça, Foerster, accentua a sua qualidade primacial—o desenho primoroso da ambiência e o profundo estudo psychologico das suas personagens.

O príncipe, Carlos Henriques, cuja infancia se estiolou entre as paredes sombrias do pesado castello feudal de Carlsburgo, tem um dia o ensejo de tomar contacto com a verdadeira vida—vãe frequentar, como um simples mortal, a universidade de Heildelberg. E embora essa frequencia se limite apenas a alguns mezes, Carlos Henriques, teve a ventura de sorver a vida a largos haustos, de conhecer o amor, a vida, e os homens. De moço melancolico e tristonho, transmuda-se n'um alegre rapaz, despreoccupado e folgazão.

Mas, curto é esse lampejo de vida, de alegria. Carlos Henrique, é chamado a reinar, sendo forçado a regressar ao vetusto palacio de Carlsburgo, onde as malhas apertadas da pragmatica protocolar, agora, que elle conhece a alegria de viver, mais o cingem, como se fosse condemnado a viver dentro de uma armadura mediéva, que lhe tolhesse todos os movimentos.

São todos estes estados d'almas e o esboço de um idyllo d'amor, que Foerster desenha admiravelmente, com verdadeira mão de mestre.

O desempenho das personagens principaes do *Príncipe Herdeiro*, é muito difficil e se os artistas do nosso *Gymnasio* não triumpharam em toda linha, evidenciaram honesto empenho em acertar, o que por vezes conseguiram, e o publico sublinhou, palmeando Alda Aguiar, Mendonça de Carvalho, Telmo, Pato Moniz, Mario Duarte, Alegrim e Alves da Cunha.

O *Príncipe Herdeiro* está posto em scena com bom gosto e rigor historico, o que muito honra a empreza do Gymnasio. O scenario de Mergulhão muito interessante.

Republica.— Henry Bernstein, o arrojado author da *Rafale*, do *Voleur* e do *Après moi*, peças admiraveis pela sua precisão, pela forma de, resolutamente, attingir o fim proposto, e nas quaes as figuras e os sentimentos tomam proporções invulgares e quasi sobrehumanas,

episodio da vida de um homem celebre— Alexandre Mérital. No momento em que a sua celebridade se julga perfeitamente assegurada, em que o seu triumpho parece definido, todos os invejosos, todos os zoilos, ligam-se, dando-se as mãos, para derruir o vulto, o super-homem, cuja sombra os esmaga.

O «grande homem» ainda d'esta vez vence a matilha dos insignificantes; mas o golpe foi profundo e sangra sempre, levando-o a renunciar á vida publica. Uma grande consolação, porém, lhe resta :— apesar dos seus cincoenta e tres annos, despertára o amor no espirito ingenuo e puro de uma adolescente—Renée de Rould, (*Graça*)— que sem hesitações lhe offerece toda a sua alma, cheia de ternura e admiração.

E' opinião unanime da critica que a nobreza moral do *Assalto* colloca Bernstein, definitivamente, no primeiro plano dos grandes escriptores francezes.

Vamos ao desempenho, no theatro portuguez.

«Alexandre Merital», que no Gymnase, de Paris, fôra creado por Luciano Guitry, coube a Augusto Rosa, que, sem favor, conquistou os applausos calorosos com que o publico sublinhou todo o seu brilhante trabalho.

Na personagem *Graça*, essa figura toda idealidade e sentimento, estrejou-se a sr.^a Ester Durval, semi-pseudonymo, que occulta o nome de uma senhora da sociedade, muito conhecida em Lisboa. *A debutante* se não possui a plastica indispensavel para exteriorisar no palco as grandes figuras femininas, pois é de uma gracilidade, quasi diaphana, tem, no entanto, qualidades que a tornam interessante.

A sua cabeça emoldurada por uma farta trança, é graciosa; e os seus rasgados olhos negros e profundos, espiritualisam o seu rosto. Ouve com intelligencia e ha naturalidade nos seus movimentos.

Alguns nossos collegas fizeram reparos á voz da estreiante. Pois nós, que temos o mau sestro de, ha mais de vinte annos, accumularmos a critica lyrica com a dramatica, somos de opinião diametralmente opposta. A voz da sr.^a Esther Durval, cheia de frescura e de timbre argentino, constitue uma preciosa faculdade para a scena.

Aquella voz, bem educada virá encorpar-se e a enriquecer-se com novas modulações e pastuosidade, qualidades tão indispensaveis para a declamação, como para o canto.

THEATRO DA REPUBLICA



Esther Durval e Augusto Rosa no 2.º acto do «Assalto»

(Phot. de ***)

no *Assalto*, põe de lado todas aquellas proporções gigantescas, para dar logar a figuras mais naturaes, agitadas por sentimentos profundamente humanos.

No conceito do eminente critico Pawolwski, Henry Bernstein, terá no *Assalto* escripto a sua auto-biographia. Chegou á idade da maturação e com ella a indulgencia e a emoção, mas não a indulgencia e a emoção dos adolescentes que tudo ainda ignoram da vida,—mas sim a indulgencia e a emoção, que se experimentam, com melancolia, ao sair de uma provação, quando já se conhece demasiadamente a vida e apenas se teme o Amor e a Morte.

D'ahi, essa peça *O Assalto*, verdadeiro monumento litterario, cujas linhas admiraveis são de absoluta pureza.

O Assalto, cujo titulo primitivo era *la Montée* cifra-se apenas n'um

Estamos certos, que passados os sobresaltos e preoccupações da estreia, Esther Durval, com o estudo, virá a conquistar um logar de destaque no nosso meio theatral, tão falho de intelligentes vocações.

Carlos de Oliveira marcou, no papel do patifório *Frepeau*, uma das melhores figuras da sua carreira. Muito bem observado e pormenorizada aquella repellente e cynica personagem. O publico fez-lhe inteira justiça.

Bernstein d'esta vez teve a rara felicidade de ser traduzido pela penna illustre de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, o mesmo é dizer que a linguagem casta e perfumada d'aquelle grande poema de amor, foi idealmente transplantada para a lingua de Camões.

(Continua).

Ferreira Mendes.

Noticias e réclamos — Animatographos

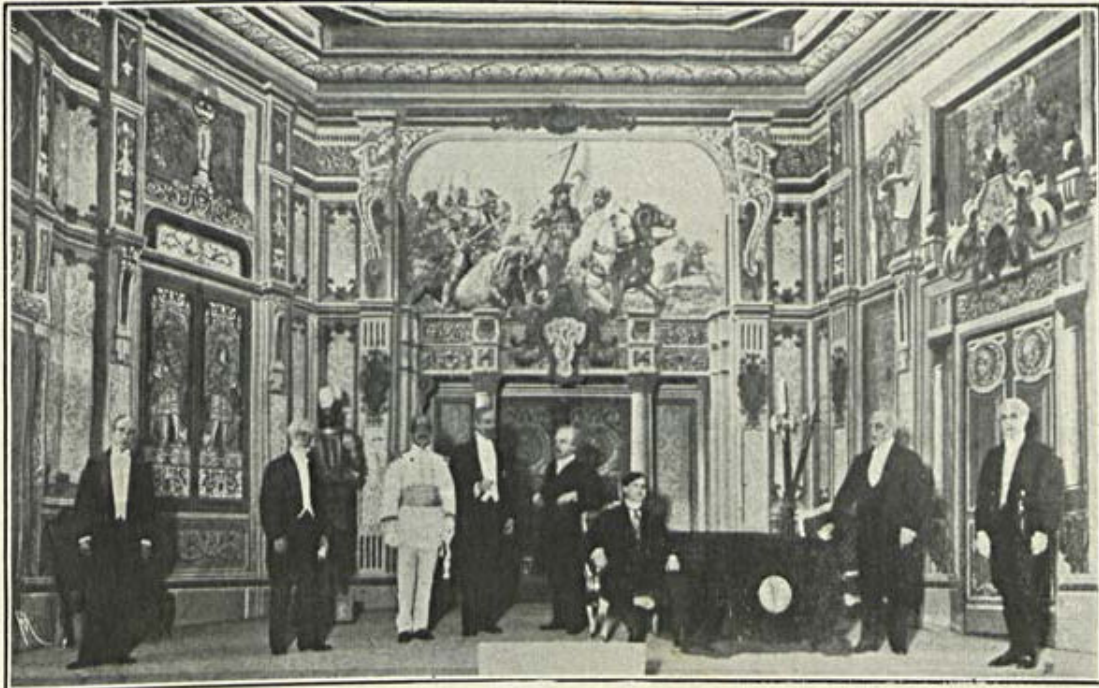
Colyseu dos Recreios — Novamente temos o prazer de admirar n'esta casa de espectaculos a excellente companhia de operetta italiana *Granieri-Marchetti*, que na época passada fez um ver-

outros, a *Filha do capitão*, a *Ferradura*, e *Tempestades da juventude*, este ultimo de 1500 metros.

Salão Foz — A ultima attracção d'esta casa de espectaculos são os artistas *Mari-Celly*, excellentes duettistas comicos, e o ventriloquo *Balder*, um dos melhores do genero, exhibindo-se tambem fitas animatographicas de grande interesse.

Salão do Loreto — Continúa chamando grande concorrencia de publico a este salão, a exhibição das fitas faladas, succeden-

THEATRO DO GYMNASIO



O 1.º acto do «Príncipe Herdeiro»

(Phot. de ***)

dadeiro successo entre nós. Da companhia fazem parte os mesmos artistas que já nos visitaram, o que representa uma garantia para o publico, já conhecedor dos seus meritos. A peça de estreia foi a *Côrte de Napoleão*, um dos maiores successos da companhia e que obteve um verdadeiro triumpho, tendo-se-lhe succedido *Amor de Principe*, *Casta Suzana*, *Conde de Luxemburgo* e outras de successo garantido, em que o publico tem sempre applaudido Anita Granieri, Emilia Frumento, Antonio Rubeis, Ettore Razolli, Vizani e Bataglioni. Os côros afinados e a orchestra dirigida, como na época anterior, pela sr.^a Anina Capelli.

Theatro do Povo — Um verdadeiro acontecimento as representações, n'esta casa de espectaculos, da revista em 2 actos *Ahi! Pa...*, pois todas as noites se esvasiam as bilheteiras, retirando grande parte do publico por não conseguir obter entrada, apesar de serem duas sessões por noite.

Moderno — Resurgiu n'este theatro a antiga operetta *Dragões de Chaves*, que ha annos obteve um extraordinario successo, e que ao presente tem chamado inumeros espectadores a esta casa de espectaculos, mercê do excellento desempenho e da sua muita graça, constituindo um dos espectaculos mais interessantes dos nossos theatros populares.

Phantastico — *Ratos e ratinhos* se intitula a interessante revista actualmente em scena n'este elegante theatrinho, a qual além da sua *verve*, está ornada de bons numeros de musica, que são em grande parte bisados.

Chiado-Terrasse — Muito interessante a conferencia realisada n'este salão por Christovam Ayres, o conhecido humorista, sobre diferentes aspectos da vida lisboeta, que elle observou com uma agudeza de espirito pouco vulgar, salientando com graça diversos ridiculos do nosso meio, conseguindo a cada momento arrancar esfusiantes gargalhadas á selecta assistencia. — O que se chama uma tarde bem passada.

Salão da Trindade — Concorridissimos os espectaculos da moda, n'este salão, ás quartas e sabbados, não só com a exhibição de excellentes novidades cinematographicas, como tambem de variados numeros de concerto, superiormente executados por um primoroso sextetto.

Continuam em pleno successo as fitas: *Arrebatamento cego*, 1000 metros; *A perseguição*, 1500 metros, 3 actos; *Honestidade de uma mulher*. Projectam-se para breve novas estreias.

Olympia — *Detraç dos bastidores*, esplendido film com 1500 metros, tem chamado a este salão, onde a sociedade elegante dá rendez-vous, numerosa assistencia, tornando-se difficil obter logar.

Salão Central — Aos domingos grandiosas *matinées-concerto* dedicadas ás creanças, e todas as noites exhibição de excellentes films, propriedade da empresa cinematographica, tendo feito successo entre

do-se, todas as semanas, as novidades e havendo todas as noites estreias. Para breve, projectam-se grandes novidades, por fórma a tornar ainda mais interessantes os espectaculos, correspondendo assim, á preferencia que o publico dá a esta casa.

C.

THEATRO DA AVENIDA



A actriç Angela Pinto na revista «Alerta»



ANHELO

Eu não te julgo maldosa,
Embora o queiras par'cer,
Meu amor.
Picar, também pica a rosa,
E nem por isso deixou,
De ser flôr.

Oh sim, dormir...
Dormir sonhando...
Morte com vida,
Amando, amando...

Oh sim, sonhar...
Sonhar contigo,
Tendo o teu peito,
Por meu abrigo.

Quero aspirar o aroma
Da tua bocca divina,
Pomba meiga.
Da rosa, também na coma,
O aspira o zephyro brando,
Lá na veiga.

Sentindo palpitar teu coração,
Marcando com o meu, conjuntamente,
O compasso feliz d'essa canção,
Que se traduz n'um beijo, e a alma sente!

Quero sorver em mil beijos,
Os teus labíos sensuaes,
Nacarados.
Confundir nossos desejos...
Ao soltar dos teus cabellos
Perfumados...

Sentindo tua frente reclinar,
Sobre a minha, suave, docemente;
Como pôde fazer, quem sabe amar,
Ou ama como tu, ardentemente!

E depois d'um terno abraço,
Immenso, longo, sem fim,
Suffocante...
Descançar no teu regaço,
Velando-me os olhos teus,
Minha amante!..

E vindo os labíos teus aos meus unir,
No beijo, que termina não sei quando...
Eu pretendo, eu desejo assim dormir...
Oh sim, sonhar... dormir... dormir sonhando...

Oh sim, dormir...
Dormir sonhando...
Morte com vida,
Amando... Amando...!